

O discurso de Jesus em Lc. 4:14-30. Uma análise da retórica segundo Lucas.

Pesquisador: Prof. Ms. Vanderlei Gianastacio
Faculdade Teológica Batista de São Paulo
Departamento de graduação em Teologia
Professor Mestre em Ciências da Religião
Eixo temático: Interpretação Bíblica
Categoria: Mesa redonda

Este estudo de analisa a retórica do discurso de Jesus, segundo Lucas. Por esse motivo analisar-se-á, a estrutura textual de Lucas, visto ser ele o organizador das palavras de Jesus. A análise da retórica abrangerá a pessoa subvertida e a oposição semântica de base apresentada por José Luiz Fiorin em sua duas obras: *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo* e *Elementos da análise do discurso*.

Percebe-se, no Evangelho, que Lucas se volta para uma narrativa cuidadosa, a fim de explicar os fatos que ocorreram acerca da pessoa de Jesus Cristo. Esse mesmo cuidado repete-se em Atos, quando, de forma gradativa, ele insere o gentio em sua obra. Primeiro apresenta judeus cristãos, depois judeus helenistas cristãos e, por último, gentios cristãos. A argumentação se dá por meio do contato do judeu com judeus helenistas e com gentio, sucessivamente. “De todos os evangelhos, o estilo literário de Lucas é o mais parecido com o dos escritores clássicos gregos da antigüidade.” (EVANS, 1996, p. 19). Lucas é um autor que tem habilidade na escrita, pois usa “traços de um sutil humor (...) gosta de declarações menos enfáticas, mais atenuadas, (...) ‘um não pequeno alvoroço’ (Atos 19:23; v. também 12:18; 26:26)” (EVANS, 1996, p. 20).

Não se pode esquecer que a escrita do texto bíblico foi produzido a partir do conhecimento do autor. Segundo Arens (2007, p. 81), a fim de ensinar as pessoas, algumas comunidades cristãs organizaram tradições a respeito de Jesus. Os escritores, por sua vez, tiveram que trabalhar com as tradições orais, logo foram seletivos e organizaram o texto conforme seus objetivos. Esta organização não se deu apenas segundo o estilo do autor. Foi uma organização dos textos a partir daquilo que o autor entendia das tradições, tanto orais como escritas. Isso significa que esse texto de Lucas é produto de uma compreensão que ele teve dos fatos, melhor dizendo, das tradições existentes acerca de Jesus.

No evangelho, da forma que ele estrutura o texto, antes de explicar a volta de Jesus para a Galiléia, Lucas faz menção de uma proposta egoísta, que Jesus recebe na tentação. Nesta, Lucas apresenta um Jesus que rejeita transformar a pedra em pão para se alimentar; rejeita receber o

poder, ou *status quo*, da liderança religiosa em Jerusalém, não aceitando se lançar do pináculo do Templo e ser recebido como Messias, segundo as expectativas dos líderes da época e rejeita a proposta de ser Rei de reinos injustos. Esta rejeição de pão, poder e reino é apresentada por Lucas antes de explicar qual seria o foco de Jesus em suas atividades que ocorreriam a seguir.

Lucas utiliza argumentos para demonstrar a messianidade de Jesus. Entendese argumentar como “raciocínio que conduz à indução ou dedução de algo” (HOUAISS 2001). Para Dayoub (2004, p. 43), em sua obra *A ordem das idéias: pala vra, imagem, persuasão a retórica*, os argumentos “devem ser compatíveis com a realidade do público a que se dirige o discurso”. Já para Koch, em sua obra, *Argumentação e linguagem*, no capítulo dois, afirma que argumentar é “orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões” (KOCH 2002, p. 17). A argumentação é, para Houaiss, “apresentar fatos, idéias, razões lógicas, provas etc. que comprovem uma afirmação, uma tese”. Na história antiga, Aristóteles relacionava a ética com a argumentação. Dizia o filósofo que “os argumentos originam-se não só do raciocínio demonstrativo e convincente, mas também do procedimento ético, pois acreditamos no orador que nos fala pelo caráter que demonstra ao se apresentar”. (DAYOUB 2004, p. 20).

Um argumento que Lucas utiliza está na locomoção de Jesus para a Galiléia, esta se deu sob “pela virtude do Espírito” v. 14. Com essas palavras, Lucas apresenta um Jesus que está sob a direção do Espírito Santo, até mesmo para questões do cotidiano, como por exemplo, para onde ir. Além disso, Lucas também informa que o Espírito Santo interessado em Jesus se tornar conhecido na Galiléia. Sem uma narração a respeito do que Jesus fizera, o autor afirma que a fama dEle corria por todas as terras em derredor.

Para falar que Jesus foi à Nazaré e falou numa sinagoga, antes, Lucas apresenta no versículo 15, o contato que Jesus tinha com as sinagogas, ao afirmar que Ele “ensinava nas suas sinagogas e era glorificado por todos”. Na argumentação de Lucas, Jesus é um judeu que vive sob os costumes e tradições judaicas. Já no versículo 15 é possível perceber a retórica de Lucas. Entende-se que “retórica é a arte da eloquência, a arte de bem argumentar; arte da palavra” (HOUAISS 2001). Dayoub afirma que a retórica é o elemento que colabora para levar as pessoas a acreditarem naquilo que se está falando. Lucas trabalha com as palavras na boca dos presentes nas sinagogas, “por todos era louvado”, ou “recebia aplauso universal”, ou “era glorificado por todos”. Dessa forma, segundo Lucas, nota-se que Jesus tinha a aprovação dos judeus ali presentes.

De várias sinagogas, Lucas foca sua atenção apenas em uma delas, a sinagoga em Nazaré. O livro a ser lido por Jesus, não é escolhido por Ele,

já o texto sim. “Visto ser sábado, dever-se-ia ler uma seleção dos profetas, seguida da leitura de uma seleção da Torá (a lei de Moisés, Gênesis - Deuteronômio)” (EVANS, 1996, p. 86). O texto lido de Isaías faz uma relação com o contexto sociocultural daquele momento. A confirmação disso ocorre no versículo 21, com as seguintes palavras, “hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir”. Na estrutura textual apresentada por Lucas, percebe-se que no versículo 18, a proposta é contrária àquela que Jesus tinha recebido na tentação. Lucas apresenta uma tentação que tem o objetivo de levar Jesus voltar-se para os seus interesses, já as palavras de Jesus, conforme o texto de Isaías, as suas futuras atividades seriam voltadas para o próximo. Além deste aspecto antagônico entre a tentação e o texto de Isaías, nesta leitura do texto na sinagoga, Lucas demonstra a relação de Jesus com o Antigo Testamento e sua messianidade. Nota-se também que no versículo 21, ao falar do cumprimento da Escritura, Jesus não afirma que Ele é aquele pronome oblíquo do texto de Isaías, “mim”.

...as pessoas do tempo de Jesus esperavam que o Messias viesse e destruísse os inimigos de Israel, e não que ministrasse a eles. No que dizia a respeito das expectativas messiânicas, o povo israelita do primeiro século apegava-se fortemente a duas crenças básicas, fundamentais: (1) Todas as gerações haviam crido que a vinda do Messias estava próxima e que ele, provavelmente, viria ‘naquela’ geração; e (2) todos criam que, quando o Messias viesse, haveria de conquistar os gentios (e talvez os corruptos dentro de Israel), e restauraria e abençoaria a Israel. Acreditava-se que Isaías 61:1, 2 era uma passagem que testemunhava essa segunda crença popular. Acreditava-se que as bênçãos descritas nessa passagem do Antigo Testamento estavam reservadas apenas para o povo de Israel, enquanto o ‘dia de vingança’ (aquela parte da citação que Jesus omitiu) estava reservada para os inimigos de Israel (EVANS, 1996, p. 87).

Desta forma, quando Jesus anunciou “que nenhum profeta é bem recebido e, a seguir, mencionou os exemplos de Elias e Eliseu, ele contradisse e frustrou a segunda crença básica” (EVANS, 1996, p. 87).

Continuando a narrativa de Lucas, as pessoas atentas voltam a ser a atenção de Lucas, no versículo 20. Após a afirmação de Jesus acerca do cumprimento das Escrituras naquele dia, versículo 21, no versículo 22, Lucas dá voz à multidão. Primeiro ele usa a palavra “todos” que, como sabemos, nem sempre essa palavra apresenta o sentido denotativo da palavra. A multidão, ou todos que estavam ali, diziam entre si, “não é este o filho de José?”. Esta pergunta das pessoas “sugere uma surpresa agradável ao ouvir-se uma declaração tão marcante, que parte de uma pessoa bem conhecida em Nazaré e seus arredores” (EVANS, 1996, p. 86), mas Marcos faz um relato mais detalhado sobre essa reação negativa: “Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e

Simão? Não vivem também aqui entre nós suas irmãs? E se escandalizavam nele” (6:3; cf. Mt. 13:55-57). (HENDRIKSEN, 2003, p. 338). Logo não era tão agradável assim. Com tal afirmação das pessoas, Lucas demonstra qual era a leitura que a multidão estava fazendo daquela afirmação, apresentando para os seus leitores que Jesus é admirado e também uma pessoa incerta em relação ao que estava falando.

Na seqüência, no versículo 23, Lucas apresenta as palavras do enunciador, Jesus, a partir de uma técnica que Jesus dá voz à multidão. Na afirmação de Jesus, “sem dúvida me direis este provérbio: médico, cura-te a ti mesmo; faz também aqui na tua pátria tudo que ouvimos ter sido feito em Cafarnaum”, Lucas está trabalhando apenas com o enunciador até o momento em que inicia a oração subordinada substantiva apositiva. Nesse momento, é utilizado o recurso da pessoa subvertida. Neste caso, a primeira pessoa do singular é substituída pela segunda do singular, ou seja, o “eu” tem valor de “tu”, (FIORIN, 1996, p. 92) que é identificado por “médico”. Todo o enunciado é apenas de Jesus. Na fala “médico, cura-te a ti mesmo; faz também aqui na tua pátria tudo que ouvimos ter sido feito em Cafarnaum”, o enunciador é o mesmo, Jesus, mas utiliza a voz do enunciatário, do povo, como se este tivesse assumido o que diz o enunciador. Em outras palavras, Lucas coloca na boca de Jesus as palavras do povo. O enunciatário, que é o povo, pode ser alguma pessoa do auditório que representa o coletivo.

Entende-se assim, que, a partir do versículo 23, Lucas inicia um diálogo entre Jesus e o povo, por meio da técnica da pessoa subvertida. O povo não está falando, mas Lucas faz o povo falar por meio da boca de Jesus. Isso ocorre apenas nos versículos 23 e 24, visto que neste, Lucas recorre a um provérbio, simbolizando a fala do povo. Depois disso, nos versículos seguintes, o povo não fala mais. O enunciatário perde a voz, mas com essa técnica de pessoa subvertida, o leitor já cria uma expectativa dos fatos que virão a surgir. Na retórica de Lucas, percebe-se que as pessoas estão animadas, motivadas com Jesus, mas a partir do momento em que se dá voz ao enunciatário, ao auditório, nota-se uma mudança de comportamento de multidão. Tal afirmação começa no versículo 23 e encerra no 27. Lucas apresenta para o leitor que mesmo antes de Jesus ser rejeitado, Ele já afirma no versículo 23 que seria rejeitado.

Na análise de categorias semânticas, Fiorin (2000, p. 18), em sua obra *Elementos de análise do discurso*, explica que o texto, no nível fundamental, abriga as categorias semânticas que estão na base da sua construção. Dessa forma, “uma categoria semântica é fundamentada numa diferença, numa oposição”. Um exemplo apresentado por Fiorin é o próprio Cristo. Explica que em um determinado discurso, é possível que apareça reunidos termos contrários ou subcontrários. Entendendo que a construção

do mito se dá pela junção dos termos opostos, em Cristo encontrase uma oposição semântica de base /divindade/ *versus* /humanidade/. Esse ser complexo, segundo Fiorin, é Cristo, união divindade e humanidade. Ainda na categoria semântica, para o autor, os anjos seriam seres neutros por não serem classificados nem como divindade, nem como humanidade.

No texto de Lucas, essa oposição semântica de base é perceptível, quando ele apresenta um Jesus homem, no versículo 22, “não é este o filho de José?”. A oposição logo aparece no versículo 23 com inclusão de milagres numa afirmação do próprio Jesus, “sem dúvida me direis este provérbio: médico, cura-te a ti mesmo; faze também aqui na tua pátria tudo que ouvimos ter sido feito em Cafarnaum”. Assim sendo, pela boca de Jesus, e pela boca do povo, no versículo 22, Lucas apresenta a percepção da oposição semântica de base, a qual, provavelmente tenha sido o motivo para provocar tal reação nas pessoas.

Entende-se assim, que, tanto a pessoa subvertida como a oposição semântica de base são elementos da retórica neste texto que levam o leitor a ter uma compreensão da reação das pessoas e do contexto sociocultural da época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007.
- DAYOUB, Khazzoun Mirched. *A ordem das idéias: palavra, imagem, persuasão a retórica*. 1ª edição, Barueri: Manole, 2004.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. Segunda edição, São Paulo: Ática, 1999.
- FIORIN, Luiz José; *Elementos da análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2000.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. Sétima edição, São Paulo: Cortez, 2002.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- EVANS, Craig A. *Novo comentário bíblico contemporâneo: Lucas*. São Paulo: Vida, 1996.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Lucas*. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã. v. 1, 2003.